

A Apologética de Van Til: Leitura e Análise

por

W. Gary Crampton

Um pouco antes de sua morte, Greg L. Bahnsen (1948-1995) completou sua principal obra, uma na qual ele tentou promover um entendimento da apologética do seu mentor, Cornelius Van Til: "*Van Til's Apologetic: Readings and Analysis*".¹ O Dr. Bahnsen, nas palavras do Comitê Cornelius Van Til, que supervisionou esse projeto, era "eminentemente, senão unicamente, qualificado... para a tarefa" (xx). Ele adquiriu o Bacharel em Artes (*magna cum laude*,² Filosofia)³ no Westmont College. Ele recebeu suas graduações em M.Div. e Th.M. do Seminário Teológico de Westminster, uma faculdade onde Van Til ensinou por quarenta anos. Ele continuou para conseguir seu Ph.D. na Universidade da Califórnia do Sul, especializando no campo da epistemologia ("a teoria do conhecimento"). O Dr. Bahnsen ensinou por um período de tempo no Seminário Reformado Teológico em Jackson, Mississippi, e então, como um ministro ordenado na Igreja Presbiteriana Ortodoxa, serviu como pastor de uma congregação na Califórnia. Mais tarde ele serviu como Erudito-em-Residência no Centro para Estudos Cristãos da Califórnia do Sul, em Irvine, Califórnia.

Greg Bahnsen era um distinto erudito, autor e debatedor, que escreveu e ensinou extensivamente sobre os assuntos da lei bíblica e da apologética.⁴ Ele buscou defender ardentemente o Cristianismo contra os sistemas mundanos tão prevalentes em nossos dias. Esse revisor tem se aproveitado dos labores teológicos do Dr. Bahnsen através de muitas leituras dos seus livros e ouvindo inúmeras de suas palestras gravadas. Então, também, Greg Bahnsen foi um amigo, embora discordemos sobre certas questões de doutrina e técnica apologética. Eu lembro-me distintamente que em uma das nossas discussões ele me disse: "Ah, eu sou muito Van Tiliano para você"; ao que eu meramente balancei minha cabeça, como se dissesse, "Sim, Greg, você é".

¹ Greg L. Bahnsen, *Van Til's Apologetic: Readings and Analysis* (Presbyterian and Reformed, 1998).

² Nota do tradutor: *Magna cum laude*, latim, "com grande louvor"; com grande distinção, com grandes honras. Expressão usada para exprimir alta distinção acadêmica.

³ Nota do tradutor: No sistema educacional brasileiro não há um equivalente perfeito ao inglês *Arts*. Nos Estados Unidos, bem como em outros países, *Arts* (no plural) abrange uma infinidade de áreas que no Brasil normalmente são consideradas isoladamente, por exemplo, Letras, História, Geografia.

⁴ Para uma crítica da posição "teonomista" do Dr. Bahnsen, veja John W. Robbins, "Theonomic Schizophrenia" (*The Trinity Review*, Fevereiro de 1992), e "Will the Real Greg Bahnsen Please Stand Up?" (*The Trinity Review*, Agosto de 1992).

Como o subtítulo desse livro sugere, o Dr. Bahnsen reuniu algumas das passagens primárias sobre apologética das obras de Cornelius Van Til (“algo como uma antologia”), arranjou-as topicamente, e adicionou uma análise. Nas palavras do próprio autor: “Meu objetivo é expor o método pressuposicional de defender a fé cristã destacando e explicando os distintivos do pensamento de Van Til, providenciando cuidadosas seleções escolhidas dos seus escritos, e aproveitando a oportunidade para corrigir certos criticismos que têm sido divulgados. Esse livro, então, é algo como uma antologia com comentário concorrente” (xxi). Deveria ser mencionado também que o respeito e a devoção do Dr. Bahnsen ao seu amado professor é aparente por todo o livro. Em suas próprias palavras: “Cornelius Van Til foi um profundo e inteligente filósofo que buscou, acima de tudo, ser fiel como um ministro da autoritária Palavra de Deus. Seu coração era devotado ao Salvador auto-atestador, cujo amor salvador foi lhe apresentado nessa Palavra, e ele foi dedicado a alcançar um mundo perdido da maneira mais agradável e eficaz de declarar e defender o evangelho que ele amava. O que ele nos ensina sobre defender a fé tem valor imenso que não deveria ser ignorado em nossa geração ou perdido nas gerações futuras” (698).

Por um lado, há muito o que se aplaudir nesse livro, um volume que um revisor chamou de uma obra de “valor incalculável”.⁵ Por exemplo, a crença de Van Til de que a “Apologética Defende o Cristianismo Tomado como um Todo” (34); o fato de que a “Apologética Deveria ser Perseguida numa Forma Apreendida” (39); o ensino de que a “Apologética e Teologia são Interdependentes” (55); e que (como oposto ao dogma Católico Romano) “Teologia e Filosofia não podem ser Severamente Separadas” (56); seu compromisso com a máxima Agostiniana de que “Razão e Fé estão Ambas Unidas em Submissão Pactual à Escritura” (64); sua (alegada) aderência ao testemunho reformado (como expresso na Confissão de Fé de Westminster) de que a “Escritura Carrega Sua Própria Evidência em Si Mesma” (209); sua afirmação da “Impossibilidade da Neutralidade” (702) entre o Cristianismo e outras cosmovisões; e suas “Comparações e Críticas dos Métodos Apologéticos” (530).

Por outro lado, há todos os tão freqüentes Van Tilianismos. Dr. Bahnsen, como outros seguidores de Cornelius Van Til, adotou algumas das crenças errôneas de seu mentor, erros que têm sido apontados continuamente pela *The Trinity Foundation* e outros.⁶ Como veremos, o método de apologética do Dr. Van Til não é, como elogiado na capa desse volume, “um método intransigentemente bíblico de defender o Cristianismo”. De fato, ele está longe disso.

⁵ Jim West, em *Chalcedon Report* (Vallecito, California: May 2000), 23. As palavras exatas do Sr. West são: “O valor dessa obra é incalculável”.

⁶ Veja por exemplo, W. Gary Crampton, “Why I Am Not a Van Tilian” (*The Trinity Review*, Setembro de 1993); W. Gary Crampton, “Cornelius Van Til: An Analysis of His Thought” (*The Trinity Review*, Julho de 1996); John W. Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* (*The Trinity Foundation*, 1986); Robert L. Reymond, *Preach the Word* (Rutherford House, 1988), 16-35; e Ronald H. Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Zondervan, 1982), 99-101. Nota do tradutor: os três artigos citados nessa nota já estão traduzidos e disponíveis em nosso site.

Primeiro, Cornelius Van Til, que é freqüentemente lembrado como um sólido pressuposicionalista (461), não é um pressuposicionalista. Por quê? Porque ele crê que há provas para a existência de Deus. Como citado pelo Dr. Bahnsen, o Dr. Van Til escreve: “Eu não rejeito ‘as provas teístas’, mas meramente insisto em formulá-las numa forma tal que não comprometa as doutrinas da Escritura... Há uma teologia natural que é legítima” (613); e “Quando as provas são assim formuladas [isto é, sobre uma base cristã], elas têm absoluta força probatória” (615). Isso é verdade, somos informados, da “prova ontológica”, da “prova cosmológica” e da “prova teleológica” (621). O Dr. Bahnsen, resumindo a posição do seu professor, declara: “Van Til não descarta global e indiscriminadamente as provas teístas. Ele afirmou mui ousadamente que o argumento para a existência de Deus, quando propriamente construído, é deveras válido objetivamente” (622).

Tanto o Dr. Bahnsen como o Dr. Van Til tentam distinguir entre seu uso das provas teístas e o uso “Romanista—Arminiano” (612-634), o último do qual é chamado “o método tradicional” (614). Quando alguém formula o uso das provas sobre uma “base cristã”, assim é alegado, esse é o método pressuposicional; isto é, essas provas são “provas teístas pressuposicionais” (616), um oxímoro se houvesse alguma. Enquanto “o método tradicional propõe mostrar somente que a verdade do Cristianismo é ‘altamente provável’”, o método pressuposicional pretende mostrar que o Cristianismo é “infalível e certo” (545). É significativo que John Frame, um ardente Van Tiliano, não creia nessa suposição. Ele discorda do Dr. Van Til (e do Dr. Bahnsen) de que há tal coisa como uma prova “absolutamente certa” para o Cristianismo. Ele escreve: “O que acontece com a reivindicação de Van Til de que há um ‘argumento absolutamente certo’ para o teísmo cristão? Ele parece pensar que argumentos transcendentais, que são argumentos negativos, são absolutamente certos. Mas eu tenho, penso eu, lançado algumas dúvidas sobre a clareza desses conceitos e a legitimidade da tentativa de Van Til de limitar a apologética a esses tipos de argumentos”. O Sr. Frame continua para mostrar que todas as provas teístas, incluindo as de Van Til, são nada mais do que argumentos prováveis. Então, numa declaração mais notável, ele corretamente conclui: “Há menos distância entre a apologética de Van Til e a apologética tradicional do que a maioria dos partidários de ambos os lados (incluindo o próprio Van Til) estão dispostos a reconhecer”.⁷

A suposta “prova absoluta” do Dr. Van Til do teísmo cristão é freqüentemente mencionada como o “argumento transcendental”, isto é, “argumentar a partir da impossibilidade do contrário” (4-7, 120). O Dr. Van Til faz essa ousada declaração: “As provas teístas, portanto, se reduzem a uma prova, a prova que argumenta que a menos que esse Deus, o Deus da Bíblia, o ser último, o Criador, o controlador do universo, seja pressuposto como o fundamento da experiência humana, essa experiência opera num vazio. Essa única prova é absolutamente convincente”.⁸ De forma compreensível, então, o Dr. Bahnsen é abertamente crítico de Gordon Clark, que nega totalmente a validade das provas teístas (671). O Dr. Clark, ele escreve, é um “dogmatista”, que crê que

⁷ John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God* (Presbyterian and Reformed, 1994), 77, 78-82, 85.

⁸ Cornelius Van Til, *Common Grace and the Gospel* (Presbyterian and Reformed, 1973), 192.

a Bíblia deve ser nosso ponto de partida indemonstrável e axiomático. O Dr. Van Til, escreve o Dr. Bahnsen com aprovação, “recuou” dessa noção (671). Contudo, não é óbvio que, por definição, uma pressuposição não pode ser provada? E se alguém é um pressuposicionalista, ele não pode logicamente crer na legitimidade do uso das provas teístas para a existência de Deus. Paradoxalmente (um conceito favorito dentro dos círculos Van Tilianos), o Dr. Bahnsen, em *Always Ready* (seu livro sobre apologética),⁹ aplaude a atitude dogmática e apela aos apologetas cristãos a terem a Escritura como o seu axioma. Bahnsen escreve: “Sua [de Deus] Palavra deve ser o padrão pelo qual julgamos todas as coisas e o ponto de partida [isto é, axioma] de nosso pensamento” (25). “Não é surpresa que o princípio bíblico e reformado de pressupor a Palavra e a autoridade de Cristo no mundo do pensamento e fazer dela o fundamento para todo o conhecimento nos golpearia como ‘dogmáticos’ ou ‘absolutistas’... Parece dogmático e absolutista porque ela é dogmática e absolutista” (31).

Surpreendentemente, o Dr. Bahnsen também critica o Dr. Clark porque, embora “Clark endosse a discussão racional com o incrédulo e o criticismo da teoria do conhecimento, a posição ética, etc., do incrédulo... [o Dr. Clark afirma que] a única ‘razão’ (causa) para o incrédulo escolher a Bíblia ao invés do Alcorão é a obra regeneradora do Espírito Santo” (466n).

Pergunta: De um ponto de vista reformado e bíblico, qual outra “razão” ou “causa” pode existir? Em 1 Coríntios 12:3 lemos que “ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, exceto pelo Espírito Santo”. Fé, somos informados, é um dom de Deus. E como declarado na Confissão de Fé de Westminster (14:1): “A graça da fé, pela qual os eleitos são capacitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra do Espírito de Cristo em seus corações”. Isso é simplesmente uma declaração não cuidadosa da parte do Dr. Bahnsen. Ele sabia mais. Ele até mesmo cita mais tarde diversas páginas do Dr. Van Til declarando que “o milagre ético da regeneração deve ocorrer antes que a argumentação possa ser realmente eficaz” (475).

No entanto, o Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til querem que creiamos que existe uma “base cristã” sobre a qual baseamos as provas teístas, tornando-as “objetivamente válidas”, tendo “força probatória absoluta”. Mas a dificuldade mais observável é que se alguém formula seus argumentos para a existência de Deus sobre a base do teísmo cristão, então, não há nenhuma prova teísta de forma alguma, e nenhuma justificativa em se construir “provas”. Ela é simplesmente a revelação divina, não um argumento para Deus ou Sua Palavra. A pessoa já deve ter assumido a existência de Deus. Tentar “provar” não é apenas supérfluo, mas também um caso óbvio de falácia lógica.

⁹ Greg L. Bahnsen, *Always Ready: Directions for Defending the Faith* (American Vision and Covenant Media Foundation, 1996), edited by Robert R. Booth.

Este sendo o caso, sugerir que as provas teístas podem ser formuladas numa forma bíblica é confuso. O ponto todo das “provas” é argumentar à partir de premissas não-bíblicas para o Deus da Bíblia. A prova absolutamente certa do argumento transcendental é imaginária. A posição Van Tiliana é uma forma confusa de evidencialismo; certamente ela não é pressuposicionalismo. O estudante do Dr. Van Til, John Frame, escreveu: “O termo pressuposicional... não é uma descrição adequada da posição de Van Til”.¹⁰

Isso não é dizer que uma forma do “argumento transcendental” não pode ser usada numa forma *ad hominem*, isto é, uma *reductio ad absurdum*. Reduzir os argumentos do oponente ao nível do absurdo, mostrando-lhe através disso a natureza vazia de sua própria cosmovisão, é uma excelente ferramenta apologética. Todos os livros de Gordon Clark são exemplos de tal argumentação. Mas tal argumento não prova ser o teísmo cristão verdadeiro.¹¹ Na realidade, se todas as outras cosmovisões conhecidas pudessem ser mostradas serem falsas (Dr. Bahnsen coloca a si mesmo aqui diante duma tarefa impossível, visto que ele não examina e nem pode examinar todas as outras cosmovisões conhecidas, sem falar nas possíveis), isso ainda não provaria o Cristianismo ser verdadeiro. Além do mais, argumentar à partir da impossibilidade do contrário não pode provar ser verdadeiro o Cristianismo: alguém deve argumentar à partir da impossibilidade do contraditório, pois ambos os contrários podem ser falsos. Mas, para a derrota toda da empresa de Van Til, alguém pode saber que todas as outras cosmovisões são falsas somente sobre a base da Escritura: “A sabedoria desse mundo é loucura”. A conclusão de Paulo não é o resultado da indução impossível que o Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til colocam diante de nós como uma alegadamente “prova absoluta”. A conclusão de Paulo é informação revelada por Deus. A menos que a pessoa comece com a Escritura, isto é, com o Cristianismo, ela não pode chegar a Deus nem demonstrar a tolice da sabedoria humana.

Em segundo lugar, o Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til minam o princípio bíblico e reformado do sola Scriptura quando eles adotam a tão prevalecte teoria da verdade de “duas-fontes”. Essa visão mantém que certa fonte — ciência, história, filosofia, razão — fornece verdades aos homens, em adição à Palavra de Deus.¹² Por exemplo, o Dr. Bahnsen critica Gordon Clark por suas “atitudes anti-empiristas na epistemologia e por sua atitude não-cognitivista para com a tarefa da ciência”. A visão do Dr. Clark “vai de encontro à afirmação de Van Til do caráter adquiridor de conhecimento da ciência empírica” (671). De acordo com o Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til, um estudo de ciência realmente nos dá “fatos”; o conhecimento empírico é afirmado (259-260, 614). O Dr. Bahnsen despreza a crença do Dr. Clark de que “o conhecimento genuíno somente é disponível na Bíblia” (671, 242). O que faz isso tão estranho (outro paradoxo!) é que em *Always Ready*, o Dr. Bahnsen (implicitamente) endossa a visão Clarkiana quando ele escreve: “A própria possibilidade de conhecimento

¹⁰ Frame, *Apologetics to the Glory of God*, 13n. Veja também John M. Frame, *Cornelius Van Til: An Analysis of His Thought* (Presbyterian and Reformed, 1995), capítulos 10, 14, 23.

¹¹ Para mais sobre argumentos *ad hominem* na apologética, veja Gordon H. Clark, *Three Types of Religious Philosophy* (The Trinity Foundation, 1989), 139-142.

¹² Embaraçosamente, o presente revisor já foi uma vez um aderente da teologia de duas-fontes, como visto em *The Bible: God's Word* (Journey Publications, 1989).

fora da revelação [especial] de Deus (salvificamente apresentada em Cristo] deve ser questionada" (105). Pior ainda, se a ciência nos fornece verdade, onde isso leva o "argumento transcendental", que supostamente mostra que somente o Cristianismo é verdadeiro?

Onde, perguntamos, encontramos "fatos" ou verdades em nosso estudo científico do universo? Como determinamos que eles são verdadeiros? Como é possível que a disciplina da ciência, que continua sempre mudando, nos forneça verdades? Certamente essa crença na ciência como um método de descobrir a verdade contradiz inúmeras declarações na Escritura de que a sabedoria desse mundo é loucura (veja, por exemplo, 1 Coríntios 1-2). Segundo Cristo, a Bíblia tem um monopólio sobre a verdade: "Tua Palavra é a verdade" (João 17:17). Provérbios 22:17-21 nos diz que Deus nos deu as Escrituras ("as palavras dos sábios") para que possamos saber "a certeza das palavras da verdade". 2 Timóteo 3:16-17 mantém que a Escritura nos equipa perfeitamente "para toda [note o "todo" universal] a boa obra". E certamente a teoria da verdade de "duas-fontes" contradiz o ensino da Confissão de Fé de Westminster (1:6) de que "todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas [note o universal "todas as coisas"] necessárias para a Sua glória, para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada [incluindo a ciência] se acrescentará em tempo algum [incluindo o século vinte]".¹³

Em terceiro lugar, há a noção Van Tiliana de analogia; isto é, de que todo conhecimento humano é, e somente pode ser, analógico ao conhecimento de Deus (250-251). Não há ponto no qual o conhecimento de Deus se encontra com o conhecimento do homem (248,255). O Dr. Van Til não está apenas ensinando que há uma diferença na quantidade de conhecimento de Deus e do homem (uma crença com a qual todos os cristãos devem concordar), mas que há também uma diferença no conteúdo do conhecimento (248). Espantosamente, o Dr. Van Til escreve: "O homem não pode ter o mesmo conteúdo de pensamento em sua mente do que Deus tem em Sua mente, a menos que ele mesmo fosse divino" (227). Em outro lugar, ele declara que o conhecimento do homem de Deus e da Sua Palavra "não é em nenhum ponto idêntico ao conteúdo da mente de Deus".¹⁴ E é por causa do fato de que todo conhecimento humano é "apenas analógico" ao conhecimento de Deus que "todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório".¹⁵

¹³ Para mais sobre a visão bíblica da ciência, veja Gordon H. Clark, *The Philosophy of Science and Belief in God* (The Trinity Foundation, 1987); e W. Gary Crampton, *The Biblical View of Science*, *The Trinity Review* (Janeiro de 1997).

¹⁴ Veja a introdução de Van Til ao livro de Benjamin B. Warfield, *The Inspiration and Authority of the Bible* (Presbyterian and Reformed, 1948), editado por Samuel G. Craig, 33.

¹⁵ Van Til, *Common Grace and the Gospel*, 142.

Tal visão, se levada à sua conclusão lógica, levaria ao ceticismo completo.¹⁶ Uma analogia da verdade é simplesmente uma não-verdade. Se Deus é onisciente, e conhece toda a verdade, se não há ponto não-ambíguo no qual os pensamentos de Deus encontram os pensamentos do homem, então, o homem nunca pode conhecer qualquer verdade. A própria Bíblia, escrita por seres humanos em palavras humanas, não poderia ser a Palavra de Deus. Além do mais, a visão do Dr. Van Til é uma violação direta da doutrina reformada da clareza da Escritura. Como ensinado na Confissão de Fé de Westminster (1:7): “Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas”. Pedro nos diz que embora haja algumas coisas na Escritura que sejam “difíceis [não impossíveis] de entender”, todavia, são aqueles que são “ignorantes e instáveis [que a] deturpam [as Escrituras] para a própria destruição deles” (2 Pedro 3:16).

O Dr. Van Til gosta de dizer que o homem deve “pensar os pensamentos de Deus segundo Ele” (220). E segundo o Dr. Van Til, isso somente pode ser realizado no pensamento analógico. No pensamento não-ambíguo, ele diz, “não pensamos os pensamentos de Deus segundo Ele” (225). A ironia é que sem o pensamento não-ambíguo, o homem nunca pode pensar os pensamentos de Deus, mas somente analogias dos pensamentos de Deus. Mas Jesus disse, “Conhecereis a verdade” (João 8:32) — não uma analogia da verdade, nem algo similar à verdade, nem um indicador da verdade, mas a própria verdade.

Essa visão defeituosa de revelação e conhecimento, e a conclusão Van Tiliana de que as Escrituras contém inúmeros paradoxos lógicos (contradições humanamente irreconciliáveis), derivam das noções errôneas de Van Til com respeito à lógica. Sua depreciação da lógica, não apenas do mau-uso da lógica, mas da própria lógica, é bem conhecida.¹⁷ Por conseguinte, o Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til são ambos altamente críticos do ensino de Gordon Clark sobre Deus e a lógica (669-670). Espantosamente, o Dr. Van Til escreve: “Os calvinistas extremados pensam que eles podem mostrar que os ensinamentos da Bíblia podem ser relacionados um com os outros num sistema logicamente penetrável” (659). Aparentemente, então, a Confissão de Fé de Westminster (1:5) está errada quando ela fala do “consentimento [consistência lógica] de todas as partes” da Escritura. Isso sendo assim, seria não somente impossível, mas também pecaminoso tentar harmonizar e sistematizar os ensinamentos da

¹⁶ Com a visão defeituosa de Van Til do conhecimento analógico e mente, não é surpresa ler que ele (erroneamente) endosse a teoria da correspondência da verdade juntamente com a teoria da coerência, crendo que ambas são corretas (Bahnsen, *Van Til's Apologetic*, 162). A teoria da correspondência sustenta que, para ser verdade, idéias, imagens ou pressuposições devem corresponder à realidade; isto é, que a mente do homem tem somente uma representação da verdade, e não a própria verdade. A teoria da coerência, que é a visão apropriada, reivindica que proposições dentro do sistema da verdade são realidade. Portanto, o homem conhece a própria realidade, não meramente algo que corresponde à realidade. A verdade é realidade, não algo mais.

¹⁷ Veja, por exemplo, Reymond, *Preach the Word*, 16-35; Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 99-101; e especialmente Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth*, 22-27.

Bíblia. O Dr. Van Til e outros estigmatizam Gordon Clark como racionalista porque ele tentou tal harmoniza e sistematização.¹⁸

O fato do assunto é que a lógica é um atributo do próprio Deus. Ele é o Deus da Verdade (Salmos 31:5). Cristo é a Verdade (sabedoria, lógica e razão) encarnada (João 1:1; 14:6; 1 Coríntios 1:24, 30; Colossenses 2:3). O Espírito Santo é “o Espírito da Verdade” (João 16:13). Deus não é o autor de confusão (1 Coríntios 14:33); Sua Palavra para nós “não é sim e não” (2 Coríntios 1:18). Assim, Ele não nos fala em declarações ilógicas e paradoxais. Porque a lógica é a forma de Deus pensar, a lei da lógica são princípios eternos. E porque o homem é a imagem de Deus, essas leis são parte do homem. Há, então, um ponto de contato entre a lógica de Deus e a lógica do homem, entre o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. Ambos, Deus e o homem, acreditam que $1 + 1 = 2$; ambos concordam que $A \text{ é } A$.

Contrário às tolices banais dos irracionaisistas, a Escritura ensina que não há tal coisa como “mera lógica humana”. Por exemplo, em João 1:9, lemos que Cristo, como o Logos de Deus (João 1:1; o logos grego é a palavra da qual “lógica” é derivada); é “a verdadeira Luz que ilumina a todo homem”. Esse sendo o caso, é evidente que a lógica de Deus e a lógica do homem é a mesma lógica.

Novamente o paradoxo aparece na visão de lógica do Dr. Bahnsen. No livro sob revisão, ele abertamente endossa o criticismo de seu professor do uso da lógica pelo Dr. Clark. Mas em *Always Ready*, ele parece tomar o lado oposto. Diz o Dr. Bahnsen: “As leis da lógica são tão importantes para a argumentação e raciocínio — precisamente sobre o que a apologética é... Uma defesa eficaz da fé exigirá um uso hábil da lógica para enfrentar os desafios dos incrédulos e refutar os seus argumentos, bem como para fazer uma crítica interna do próprio ponto de vista do incrédulo” (144). Claramente, o Dr. Bahnsen era um erudito suficientemente excelente para entender a indispensabilidade da lógica quando diz respeito à fé cristã e a defesa dela. Aparentemente, ele queria defender seu professor sobre esse assunto, enquanto que ao mesmo tempo, ele sabia mais do que isso.

Finalmente, há a questão da epistemologia. Nos seus estudos doutorais, Greg Bahnsen se especializou nesse campo. Além disso, esse foi um dos assuntos principais de Cornelius Van Til. No livro sob revisão, há dois capítulos inteiros (e longos) devotados à epistemologia, e o resto do livro é repleto de referências ao assunto. Essa é obviamente uma questão importante no método apologético do Dr. Van Til, e com razão.

A dificuldade chega nesse ponto: qual é o lugar correto da epistemologia numa filosofia cristã genuína? Ela é fundamental, ou deve ser considerada ao

¹⁸ Veja os comentários perceptivos de Herman Hoeksema sobre esse assunto no capítulo 7 de *The Clark-Van Til Controversy* (The Trinity Foundation, 1995).

lado dos outros três ramos da filosofia: metafísica, ética e política? A questão aqui não é: Todas essas são inter-relacionadas? Todas elas o são. A questão é: Qual vem logicamente primeiro? Qual é o nosso fundamento?

O Dr. Bahnsen é crítico da visão de Gordon Clark de que a epistemologia é o ponto de partida, e de que os outros ramos da filosofia devem ser construídos sobre ela. É com desaprovação que ele cita a declaração do Dr. Clark: “A metafísica pode ser estabelecida somente sobre uma base epistemológica” (669). O Dr. Bahnsen e o Dr. Van Til sustentam a metafísica e a ética como igualmente fundacionais. De acordo com o Dr. Bahnsen, “a teoria de conhecimento (epistemologia) de uma pessoa é apenas parte (ou um aspecto) da rede inteira de pressuposições que ela mantém, que incluem crenças sobre a natureza da realidade (metafísica) e suas normas para o viver (ética)” (263). Isso pode ser verdade, mas é irrelevante. A questão não é a psicologia de uma pessoa, mas a ordem lógica das disciplinas.

O leitor pode perguntar nesse ponto: “E daí? Isso realmente importa?” Como ensinado por João Calvino, a Assembléia de Westminster, e Gordon Clark, sim, isso importa. Por quê? Simplesmente porque nosso ponto de partida é fundacional, e, portanto, crucial. Se alguém insiste em começar com metafísica, devemos perguntar: “Como você sabe que sua teoria da realidade é verdadeira?” Ou, se alguém deseja começar com ética, a questão é: “Como você sabe diferir o certo do errado, e o que deve ser feito nessa ou naquela situação? Qual é o padrão?” Sem um padrão, um fundamento básico para crença (epistemologia), uma pessoa nunca pode saber qual é a realidade, ou o que é certo e errado. O primeiro problema é sempre o problema epistemológico. Essa não é uma questão pequena, nem mero exercício pedante na minúcia teológica e/ou filosófica. É uma questão de grande importância. Esse é o porquê João Calvino, em suas Institutas, começa com a epistemologia. Ele não começa com metafísica, discutindo a natureza da realidade, e então prova a existência de Deus. Nem ele começa com um estudo da lei de Deus (ética). Seu ponto de partida é a epistemologia — o conhecimento de Deus e de nós mesmos.

O mesmo é verdade da Confissão de Fé de Westminster. O capítulo um da Confissão é “Da Sagrada Escritura”. Somente após os 66 livros do Antigo e do Novo Testamento terem sido estabelecidos como o ponto de partida da teologia cristã é que a Confissão continua para considerar a doutrina de Deus (metafísica) nos capítulos 2-5, e a doutrina da lei (ética) no capítulo 19. Numa filosofia verdadeiramente bíblica, os ramos da metafísica e da ética devem necessariamente seguir a epistemologia. Até mesmo a soteriologia, a doutrina da salvação, é um ramo da epistemologia. Ela não é um ramo da metafísica, pois o homem não é deificado quando ele é salvo. Nem é um ramo da ética, pois o homem não é salvo por fazer o bem. Salvação é pela graça através da fé somente (Efésios 2:8-10). E fé é crença na verdade, como revelada por Deus na Escritura. A epistemologia é fundacional, e é um sério erro não lhe dar o seu lugar devido.

Como declarado acima, muito do volume sob revisão é útil. Há muito que pode ser aprendido lendo a análise do Dr. Bahnsen do pensamento do seu

mentor. Todavia, há erros, alguns muito sérios, todos dos quais resultam da confusão e do irracionalismo do Dr. Van Til. Alguns dos erros foram tratados nessa revisão. De fato, o Dr. Van Til não foi, como o Comitê Cornelius Van Til deseja que creiamos, “um dom considerável para a igreja...cujo pensamento continua a ter valor sem precedentes para o fortalecimento da igreja em seu compromisso para com todo o conselho de Deus” (xvi).

Nós cristãos, no começo do século vinte e um, temos muita necessidade de uma teologia racional. O que está sendo urgido aqui não é um racionalismo Spinozista, um que é independente da revelação divina, pressupondo a autonomia da razão humana. O que está sendo requerido é uma racionalidade cristã, que reconhece Cristo como a lógica de Deus, a sabedoria e razão do Deus encarnado. E sustentando o ponto de partida axiomático da Sua Palavra, que é logicamente consistente (nas palavras da Confissão, há “um consentimento de todas as partes”), devemos abraçar os ideais escruturísticos de clareza tanto em pensamento como em fala. Então, e somente então, seremos capazes de “destruir os argumentos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levar cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2 Coríntios 10:5).

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 31 de julho de 2005.